

Do moderno ao “moderno do Sul”: o lugar subalterno do regionalismo crítico na história da arquitetura

Há 44 anos, na cidade de St Louis, Missouri nos EUA, morria a arquitetura moderna para os pós-modernistas com a implosão do conjunto habitacional Pruitt Igoe. Os críticos estadunidenses da época acreditavam que aquele edifício representava o movimento moderno: uma arquitetura escultural, rígida, com soluções universais e isoladas de seu entorno. A arquitetura moderna que no entre guerras estava encontrando soluções aplicáveis e socialmente engajadas numa Europa devastada, agora, já no contexto da guerra-fria, restava apenas o seu aspecto formal, tornando-se em um estilo, como advoga Anatolle Kopp.

O debate da arquitetura durante este período girava em torno do déficit habitacional pelo qual Europa e os EUA estavam passando. As soluções modernistas se baseavam em prédios em altura sobre pilotis, deixando grandes vãos para o uso público. Em sua maioria, os edifícios modernistas eram monumentais e demandavam grandes áreas para serem implantados. De mesmo modo ocorreu com a exposição de Interbau em 1957, cuja proposta para o problema de habitação da cidade de Berlim, era fazer conjuntos habitacionais modernistas de vários pisos, afastados do centro (assim como Pruitt Igoe em 1960), que por sua vez seria demolido para construir edifícios empresariais. Em resposta, os próprios berlinenses não satisfeitos com esta solução, ocuparam o centro histórico mesmo sem estrutura básica para se residir. Por outro lado, na década de 70 os arquitetos pós modernistas como Aldo Rossi, Charles Moore, Robert Venturi entre outros, como forma de crítica a essa arquitetura faziam em suas obras referências à arquitetura clássica, produzindo uma arquitetura figurativa, ironizando o havia sendo construído anteriormente (abstrata). Mas, além do pós-modernismo, já havia outra corrente anterior a ele, arquitetos que mesmo modernistas, questionavam os princípios de uma arquitetura universal: o regionalismo crítico (termo desenvolvido por Kenneth Frampton). Os chamados regionalistas, incorporavam a arquitetura moderna materiais, com cores e técnicas construtivas tradicionais de seu próprio País, além de adaptarem seus projetos com o clima local. Hassan Fathy foi um dos arquitetos que fez uso da arquitetura moderna combinada as técnicas tradicionais, produzindo, assim, habitação de baixo custo para a população do Egito. Fathy defendia que para se produzir casas acessíveis para o povo, devia-se usar materiais do próprio local ao invés de

materiais estrangeiros. Não somente Fathy, mas outros arquitetos modernos combinavam o programa de necessidades modernista a arquitetura regional, como o Fruto Vivas na Venezuela, com projetos e estudos em habitação de interesse social, Charles Correa na Índia ou Barragán no México. Porém, todos estes não foram muitas vezes reconhecidos como arquitetos modernos, por adaptarem o aspecto formal moderno ao contexto local, mesmo depois dos pós-modernistas, e se não eram modernos o que eram?

Palavras chave: Pós-moderno, regionalismo crítico, tecnologias tradicionais, arquitetura vernácula, habitação social.

Sobre a autora: Texto redigido por Nicolý Durães, técnica em design de interiores pela ETEC Presidente Vargas e estudante do 6º período do curso de arquitetura e urbanismo na Unila (Universidade Federal de Integração Latino Americana) em Foz do Iguaçu – PR, para disciplina de CHAC VI (Crítica da História da Arquitetura e da Cidade). E-mail para contato: duraesnicoly@gmail.com.